**FICHAMENTO 1**

COLOMER, Teresa. Ler na escola: os “livros de leitura”. In: \_\_\_. **Andar entre livros** - A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007, p. 15-48.

Isabele Lange da Rosa

“Assim, pois, até há relativamente pouco tempo, as obras deliberadamente “escolares” e as antologias de textos e autores conhecidos foram os livros mais presentes nas aulas. No melhor dos casos trata-se de “belas páginas” para moldar o gosto e imitar nos exercícios de redação; poemas e fragmentos para memorizar e compartilhar como referências da coletividade cultural ou nacional; e fábulas e contos morais curtos para educar em relação a valores e comportamentos.”( pág. 17)

[As obras anteriormente utilizadas na educação não eram assim tão educativas como é possível perceber através do trecho, mas sim, instrumentos de repetição, não de criação, tinham apenas com objetivo fazer com que os alunos aprendessem a seguir uma receita, sem agregar o verdadeiro conhecimento e o desenvolvimento da criatividade.]

“ [...] Os mecanismos modernos de produção editorial e consumo multiplicaram os livros; a internacionalização do mercado e a cultura os difundiu de maneira distinta e a evolução das tendências artísticas em direção ao jogo intertextual completou um panorama configurado agora por uma grande quantidade de obras, que aparecem em um mesmo momento em muitos lugares, em diferentes idiomas e que se escrevem e leem no contexto de sistemas artísticos e ficcionais muito inter-relacinados.”( pág. 23)

[A partir deste período tornou-se mais acessível a literatura de modo geral, não apenas o que era ofertado pela escola, mas uma literatura mais atrativa, que trazia assuntos que os jovens tinham interesse, aumentando o mercado consumidor de literatura.]

“Como consequência, questionou-se a ideia de que saber literatura fosse saber história literária e reivindicou-se a competência literária dos alunos através da leitura e da formação de instrumentos interpretativos, baseados na análise dos elementos que configuram as obras.”( pág. 25)

[Estudar literatura passou a ser ler e interpretar a obra em si, e não apenas saber dados históricos como nome do autor ou data de publicação, começou a ser entrar na obra em seus detalhes, interpretá-la, ler entre as entrelinhas e atribuir real significado para o estudo literário.]

“[...] a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas as ideias e os valores que a configuram. Por conseguinte tratava-se de desenvolver uma capacidade interpretativa, que permita tanto uma socialização mais rica e lucida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo. O aprendizado, então, se concebe centrado na leitura das obras. [...].” (pág. 29)

[ É possível interpretar como objetivo da literatura tornar o ser pensante, interpretativo e reflexivo. Tornar viável a elaboração dos próprios conceitos e perspectivas da vida e da realidade que nos cerca, sendo possível também tornarmo-nos mais racionais.]

“Na pratica escolar é evidente que a leitura literária acessível aos alunos ganhou espaço nas escolas. Na pré-escola e no primário a presença de livros para crianças se acha em consonância com determinados objetivos escolares, que tem a vantagem de ser percebidos e aceitos com clareza por todos. Os professores sentem-se seguros ao afirmar que ler livros com os meninos e as meninas ajuda a que se familiarizem cm a língua escrita, facilita a aprendizagem leitura e propicia sua inclinação para a leitura autônoma. [...].” ( pág. 35)

[ O acesso a literatura desde os primeiros anos de vida faz com que a leitura seja algo natural, e atrativo ao mesmo tempo, principalmente com os livros especialmente desenvolvidos para determinada faixa etária, que faz com que as crianças se identifiquem com as histórias e tenham vontade de lê-las também.]

“Talvez o principal problema do modelo “leitura por prazer” seja que ele assimila totalmente a leitura escolar com uma leitura do tipo particular, de maneira que o prazer designa a aproximação pessoal, enquanto que a obrigação de ler se situa no terreno escolar da utilidade. [...].” (pág. 43)

[ Analisando que em âmbito escolar a leitura é obrigatória e justamente por isso, muitas vezes, ela é mal vista pelos alunos, que a associam com algo tedioso, seja necessário o incentivo do caminho inverso, do aluno trazer o seu texto, sua obra literária favorita, para que seja discutida, par que haja o estimulo a leitura e a percepção de que a “obrigação” pode na verdade ser prazerosa quando não encarada desta maneira.]

“ Apesar de tudo, os estudos de sociologia da leitura, centrados no âmbito escolar, mostram que a tarefa realizada pela escola não resulta inútil. Observa-se, por exemplo, que o nível de estudos alcançados é o fator que mais influi nos hábitos de leitura, que os alunos adquirem uma noção de hierarquia entre os textos que lhes ajudam a entender os mecanismos dos fenômenos socioculturais, ou que a função escolar de criar referentes coletivos parece ainda efetiva, já que nas pesquisas de hábitos se reflete o efeito dos títulos lidos nas escolas. [...].” (pág. 46)

[ Constata-se que todo o esforço feito no período escolar é valido, que todas as leituras são afixadas a nossa consciência e influenciam nossas futuras leituras e percepções de mundo. E quanto mais estudamos mais que lemos é fixado em nós, sendo aproveitado posteriormente.]

“Para isso, há que se levar em conta definitivamente que os hábitos culturais da sociedade não dependem apenas da instituição escolar e que as decisões neste âmbito devem basear-se em uma analise mais complexa do fenômeno e na colaboração de diferentes agentes sociais.” (pág. 48)

[ A escola não é a única responsável pelo o que será lido pelos seus alunos no futuro, muito embora seja influenciadora, pois se fosse a única responsável todos os alunos de uma sala aula no futuro teriam os mesmos gostos para a leitura. Existem outros inúmeros fatores influenciadores, porém uma coisa é certa, existe sim a necessidade de a escola tentar conduzir seus alunos para o caminho dos livros.]

**FICHAMENTO 2**

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. **Prosa e Verso**, Rio de Janeiro, dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido> . Acesso em: 10 janeiro de 2019.

Isabele Lange da Rosa.

“Sintoma complementar eu vejo na mudança do discurso dos políticos e empresários quando aludem à sua posição ideológica ou aos problemas sociais. Todos eles, a começar pelo Presidente da República, fazem afirmações que até pouco seriam consideradas subversivas e hoje fazem parte do palavreado bem-pensante. Por exemplo, que não é mais possível tolerar as grandes diferenças econômicas, sendo necessário promover uma distribuição eqüitativa. É claro que ninguém se empenha para que de fato isto aconteça,[...].”

[É claro para conseguir a aprovação da população começaram a surgir discursos como esses, com se realmente existisse uma preocupação por parte dos políticos com as minorias. Porém, o que realmente ocorre é uma preocupação com suas imagens públicas, ao invés do bem estar de todos os cidadãos.]

“Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e auto-educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo.”

[De fato, pensar nas necessidades do próximo é algo muito complexo, pois, sempre desmerecemos e menosprezamos os problemas alheios e pensamos que os nossos são maiores, de mesmo modo sempre pensamos em nossas necessidades, porém, é necessário entendermos que nossas necessidades mais cruciais também podem ser as dos demais.]

“[...] Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é ator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. [...].”

[A literatura tem esse poder humanístico, fazendo com que cada ser se encontre em si mesmo e encontre os demais também em si, trás a possibilidade de fuga da realidade sem sair do lugar além da liberdade que a obra literária trás para imaginação e criatividade individual, independentemente do tipo de obra que proporciona que isso ocorra.]

“Mas as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. [...].”

[A produção literária é estruturada sempre pensando na forma certa de expressar determinada mensagem, forma essa que mexe com o subconsciente do leitor e lhe causa impactos, impactos esses que são distintos de pessoa para pessoa, porém, seja da forma como venha a atuar, uma boa obra nunca passará em branco na vida de um leitor.]

“Assim, o pobre entra de fato e de vez na literatura como tema importante, tratado com dignidade, não mais como delinquente, personagem cômico ou pitoresco. Enquanto de um lado o operário começava a se organizar para a grande luta secular na defesa dos seus direitos ao mínimo necessário, de outro lado os escritores começavam a perceber a realidade desses direitos, iniciando pela narrativa da sua vida, suas quedas, seus triunfos, sua realidade desconhecida pelas classes bem aquinhoadas. [...].”

[As minorias, os pobres, como citado no trecho, nem sempre fizeram parte como possíveis protagonistas, por muito tempo foram meros coadjuvantes na literatura, entretanto, quando começam a, de fato, fazer parte da história, ocorre a possibilidade de identificação com a obra literária, com os personagens, com o enredo em si, e assim, torna-se maior o interesse e vontade de obter acesso a literatura por parte dessas “minorias”.]

“[...] Nas sociedades que procuram estabelecer regimes igualitários, o pressuposto é que todos devem ter a possibilidade de passar dos níveis populares para os níveis eruditos como conseqüência normal da transformação de estrutura, prevendo-se a elevação sensível da capacidade de cada um graças à aquisição cada vez maior de conhecimentos e experiências. Nas sociedades que mantêm a desigualdade como norma, e é o caso da nossa, podem ocorrer movimentos e medidas, de caráter público ou privado, para diminuir o abismo entre os níveis e fazer chegar ao povo os produtos eruditos. Mas, repito, tanto num caso quanto no outro está implícita como questão maior a correlação dos níveis. E aí a experiência mostra que o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não a incapacidade.”

[ Não somente ao ler esse trecho podemos perceber que a maior dificuldade ao acesso a cultura, seja através do teatro ou da literatura por exemplo, não está relacionado a incapacidade como é citado, mas sim a impossibilidade, a inacessibilidade, tendo esta percepção apenas olhando ao redor. Nosso país é repleto de barreiras invisíveis, barreiras sociais que impossibilitam o pobre de ter acesso de mesma forma que o rico a uma produção cultural, pois o pobre não tem dinheiro para ir ao teatro quando quer, ou comprar livros quando quer, pois, infelizmente, no nosso país a cultura é cara, porém, graças a internet estas barreiras, mesmo ainda existentes, vem reduzindo.]

“[...] Tempos atrás foi aprovada em Milão uma lei que assegura aos operários certo número de horas destinadas a aperfeiçoamento cultural em matérias escolhidas por eles próprios. A expectativa era que aproveitariam a oportunidade para melhorar o seu nível profissional por meio de novos conhecimentos técnicos ligados à atividade de cada um. Mas para surpresa geral, o que quiseram na grande maioria foi aprender bem a língua (muitos estavam ainda ligados aos dialetos regionais) e conhecer a literatura italiana. Em segundo lugar, queriam aprender violino.”

[ Como podemos perceber, o direito a literatura não é algo imposto para as pessoas, mas sim algo que está ligado as suas necessidades básicas, o ser humano tem a necessidade de conhecimento, de cultura, para que possa se sentir completo, para que possa se libertar de suas frustrações e obrigações rotineiras.]

“Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.”

[ Existe a necessidade de que as barreiras entre os níveis culturais sejam quebradas, que todos tenham acesso do popular ao erudito sem distinções, sem que se diga que o pobre tem que se restringir ao popular e rico ao erudito. A cultura, a literatura, a arte são para todos e todos devem ter direito ao mesmo acesso a elas independentemente de suas condições financeiras.]